

A MUSA DOS TRÓPICOS: CHEGADA E DISSEMINAÇÃO DA BANANA NA AMÉRICA PORTUGUESA QUINHENTISTA

Heloisa Raquel da Silva (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Nathália Moro (Mestranda/UEM),
Christian Fausto Moraes dos Santos (Orientador), e-mail: chrfausto@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes/Maringá, PR.

Ciências Humanas e História das Ciências.

Palavras-chave: Banana, Século XVI, América portuguesa.

Resumo:

De acordo com os relatos dos viajantes que vieram à América portuguesa no século XVI, observamos a importância relegada ao fruto da bananeira como fonte de alimento tanto dos europeus quanto das populações nativas aqui existentes. O fato torna-se mais significativo pela sua alta difusão e disseminação quando observamos que a banana não é uma fruta natural das Américas, sendo assim, foi introduzida e aclimatada na América Portuguesa pelos primeiros colonizadores europeus. Foram analisados os relatos retirados do “Tratado Descritivo do Brasil em 1587”, do senhor de engenho português Gabriel Soares de Souza, “Tratados da Terra e Gente do Brasil”, do jesuíta português Fernão Cardim e “Viagem à Terra do Brasil”, do cronista francês Jean de Lery. A ação do colonizador europeu priorizou um amplo processo de disseminação, adaptação e cultivo de novas espécies de plantas na América Portuguesa. Um exemplo disso pode ser observado no caso da banana (*Musa Sp.*), trazida do sudoeste da Ásia pelos primeiros colonizadores europeus. Apesar de não possuir valor mercantil e ser altamente dependente da intervenção humana para sua propagação, este fruto asiático disseminou-se rapidamente pela América portuguesa, sendo assimilada à dieta de populações nativas e dos colonizadores.

Introdução

Pretendemos discutir uma questão que tanto precede, quanto coexiste às dinâmicas de extrativismo e monocultura que a historiografia clássica identifica na economia colonial. Para além da identificação de um pretense senso aventureiro caracterizado nas viagens ultramarinas ou, empreendedorismo evidenciado na extração do pau-brasil e plantio da cana-de-açúcar, havia características no cotidiano do colonizador quinhentista que, poucas vezes, foram observadas pela historiografia. Tanto o pau-brasil quanto a cana-de-açúcar possuíam, à época, um considerável valor mercantil na Europa o que, obviamente eram, também, os principais motivadores da travessia do Atlântico no século XVI. Entretanto, nenhum destes dois produtos possuía qualquer importância quando a questão envolvia sobrevivência.

A introdução de uma planta em uma biota a qual ela não é originária é uma forma de antropização do ambiente que o homem faz há, pelo menos 10.000 anos (DIAMOND, 2009, p. 35- 52), de acordo com suas necessidades de sobrevivência ou produção de superávit. A banana (*Musa sp.*), fruta proveniente do Sudoeste da Ásia e trazida à América pelos colonizadores portugueses depois de terem contato com esta em suas colônias orientais (MENDES FERRÃO, 1992, p. 158), difundiu-se rapidamente pela América Portuguesa por encontrar, nesta região do Novo Mundo, clima próximo ao de sua origem. Outro fator importante neste processo histórico de introdução da banana advém do fato de que os predadores desta espécie exótica, como alguns insetos e fungos, não devem ter acompanhado tal introdução.

Materiais e métodos

Para compreendermos a chegada e disseminação da banana na América portuguesa quinhentista, utilizamos fontes historiográficas e referências especializadas. As cartas, tratados e crônicas que eram produzidas pelos viajantes europeus nos permitem examinar como eles estudavam e vislumbravam a fauna e a flora do Novo Mundo. Devemos lembrar que os colonizadores utilizavam seus escritos ou gravuras como forma de comunicação, pois era necessário informar aos seus superiores, principalmente reis europeus, o que haviam encontrado nas terras recém-descobertas. Isso revela, mais uma vez, a importância dada aos gêneros alimentícios descritos com tamanha minúcia e perfeição.

A manutenção da colonização passava, de forma imperiosa e indiscutível, pela própria manutenção dos colonizadores, bem como o acesso desses homens a gêneros alimentícios, mezinhas e boticas que garantissem a sobrevivência dos mesmos em um local que, contrariando aquela visão quase idílica construída pela historiografia tradicional, dificilmente lembrava um paraíso. Era antes um ambiente consideravelmente adverso e premente de um conhecimento que atendesse a demandas tão singulares quanto a Mata Atlântica do litoral da América Portuguesa poderia ser.

Resultados e Discussão

A relevância da banana (*Musa sp.*) como importante instrumento para a manutenção da colonização se dá por suas particularidades físicas e nutricionais. É uma fruta de fácil consumo, visto que sua casa é mole, de fácil manipulação e quando consumida *in natura* sua casa pode servir como proteção do contato entre as mãos e o fruto (PÉHAUT, 1998, p. 743). Fornece o fruto em menos de um ano, reproduz-se com facilidade, não tem sementes ou caroços, sua produção é constante e mantém-se quase indefinidamente em produção (MENDES FERRÃO, 1992, p. 15), como afirma Gabriel Soares de Souza: “*Basta que de toda a maneira são muito boas, e dão em todo o ano; mas no inverno não há tantas como no verão*” (1971, p. 189), fato esse que demonstra, mesmo com ressalva de uma menor presença durante o inverno, sua excepcional capacidade produtiva durante todo o ano.

Sua importância na alimentação dos colonizadores europeus não se justifica tão somente pelo seu alto grau de produção, mas também pelo seu valor nutricional, que pode chegar a 90 calorias a cada 100 gramas de fruto, possibilitando que um

homem saudável a use como importante complemento em suas refeições, ou mesmo, em casos excepcionais, tornar-se o alimento principal de sua dieta. Possui também de 20 a 22mg de glucídios, e 10mg de vitamina C em seu fruto, que demonstram suas qualidades energéticas e a sua riqueza em vitaminas (PÉHAUT, 1998, p. 742).

As qualidades da banana (*Musa sp.*) a colocam como fruto importante na alimentação não só para os colonizadores europeus, mas também para os índios, que a assimilaram, assim como outras plantas e animais, incorporados à sua dieta. Apesar de estarem, adaptados aos recursos naturais disponíveis originalmente em seu meio, eles não deixaram de incorporar os produtos trazidos pelos colonizadores e que se mostraram com qualidades relevantes para sua melhor nutrição e sobrevivência, fato esse que não é uma particularidade no caso das plantas alimentícias, estendendo-se aos animais, ferramentas e hábitos trazidos pelos europeus (DEAN, 1996, p. 65-73).

Uma característica relevante sobre o aspecto físico da banana é que “[...] quem cortar atravessadas as pacobas ou bananas, ver-lhes-á no meio uma feição de crucifixo, sobre o que contemplativos têm muito que dizer” (SOUZA, 1971, p. 189). A tentativa de encontrar na natureza sinais que comprovassem a presença de cristo nessa nova terra era prática comum entre os europeus que colonizavam o continente americano, em especial entre os jesuítas. Essa forma de crucifixo existente no interior do tronco da bananeira despertava já na Idade Média o interesse dos cristãos, que a chamavam de *Pomum Paradise*, ou seja, a fruta proibida do Jardim do Éden, ao contrário da visão geral de que essa fruta seria a maçã (MENDES FERRÃO, 1992, p. 154)

Conclusões

Seja ou não o fruto proibido, a banana é largamente consumida nessa sociedade colonial do século XVI, e a porta de entrada dela para a mesa desses homens dá-se por estar, juntamente com outros alimentos necessários à subsistência. Os benefícios apresentados pela bananeira são muitos e nos permitem compreender porque essa planta foi tão bem aceita e disseminada pelos nativos americanos. Em primeiro lugar, o tempo reprodutivo da *Musa spp.* é curto, o que permite à planta fornecer fruta em menos de um ano. Sua reprodução também acontece com facilidade e isso faz com que ela seja “plantada uma única vez”. A banana pode ser consumida crua ou cozida, é fácil de descascar, não costuma apresentar sementes ou caroços (diferente de sua espécie selvagem) e mantém-se em produção durante todo o ano (FERRÃO, 1992, p. 152). Dessa forma, podemos entender porque ela recebeu a atenção dos colonizadores quinhentistas que a dedicaram partes de seus escritos. Para os viajantes, a necessidade de classificação mostrava-se enorme. Conhecer o Novo Mundo e quais plantas poderiam ser cultivadas ali era uma questão de sobrevivência para os recém-chegados.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço ao meu orientador Christian Fausto Moraes dos Santos por fornecer todo o suporte necessário à minha aprendizagem e desempenho neste

projeto de pesquisa. Agradeço a todos os integrantes do LHC (Laboratório de História, Ciências e Ambiente) pela amizade e auxílio ao longo destes meses. Agradeço também ao CNPq pela bolsa concedida e pelo incentivo ao desenvolvimento deste projeto de iniciação científica.

Referências

DEAN, W. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

DIAMOND, J. *Armas, Germens e Aço: os destinos das sociedades humanas*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

MENDES FERRÃO, J. E. *A Aventura das Plantas e os Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Fundação Bernardo, 1992.

PÉHAUT, Y. *A invasão dos produtos de além-mar*. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da Alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

SOUZA, G. S. d. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Edusp, 1971.